

ISCA VIVA, PESCA MELHOR: ESCRITAS ÍNTIMAS, TEMPO E LUGARES DA MEMÓRIA

MARGARET M. BAKOS*

RESUMO

As *escritas de si* por e para pessoas comuns vêm atraindo um número tão grande de leitores que acabaram por virar moda. Essas práticas são tão antigas quanto a invenção da escrita, mas vêm sendo atualizadas como metodologia de ensino-aprendizagem para o ofício do historiador. O presente texto fala de experiências de busca e encontro de documentos e da análise e construção de textos.

PALAVRAS-CHAVE: história, escrita, memória.

ABSTRACT

Personal writings by and for common people are attractive to such a large number of readers that they have become a fashion. These practices are as ancient as the invention of writing, but have been updated as a methodology of learning and teaching in the occupation of the historian. This paper brings up experiences in searching and finding documents as well as in analyzing and constructing texts.

KEYWORDS: history, writing, memory

As autobiografias de faraós são as fontes mais importantes para a reconstrução da história do antigo Egito. Pela palavra dos reis, ficava garantido o registro do fato raro, visto que o acontecimento ocorrido uma única vez cairia no esquecimento. Assim, sua memória sempre presente se encarregaria de divulgar a fama do monarca e do império. Era preciso, diz o historiador Philippe Ariès,

inscrever sobre a pedra inalterável, sobre o papiro ou sobre as tabuletas que este Ramsés, neste ano do seu reinado, e não noutro, atravessou este mar, esmagou este inimigo, capturou estes prisioneiros. E estes grandes feitos deverão ser sempre conhecidos e celebrados (ARIÈS, 1989, p. 91).

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

Atualmente, as biografias e autobiografias, escritas *por e para* pessoas comuns, vêm atraindo um número tão grande de leitores que acabaram por virar moda. São as *escritas de si*, gênero que abarca diários, correspondências, bilhetes, incluindo, atualmente, até mesmo os *blogs*. Em 2004, questionada sobre a possibilidade do uso dos *blogs* como fonte de pesquisa histórica, respondi¹:

E por que não? Através deles, tem-se acesso a vidas e temas, por vezes, contraditórios: alguns deles são trazidos por personagens enfadonhos; mas há também relatos que revelam seres sensíveis, exemplos de dignidade humana, o que garante sempre uma boa história.

A propósito desse tipo de fonte, Luiz Augusto Fischer disse, recentemente, sobre o livro *Eles foram para Petrópolis*², que toma por base uma correspondência virtual da virada do século passado, publicada pela Companhia das Letras:

A natureza do livro é peculiaríssima, talvez inédita no mundo todo, e precisa ser detalhada. Começa que dois jornalistas, Mário Sérgio Conti e Ivan Lessa, trocaram mensagens publicamente, num site brasileiro (UOL), entre abril de 2000 e maio de 2001; era uma forma criativa de recheiar o site, de colocar nele um conteúdo literário próprio ao meio – internet é um meio, não um conteúdo –, enfim, uma idéia bacana (FISCHER, 2010).

Cabe mencionar ainda neste artigo o livro *Nós que não somos como as outras*, título de obra de uma autora espanhola que a jovem escritora gaúcha Clarah Averbuck tem tatuado em seu corpo. O texto de Clarah atraiu o diretor Murilo Salles, levando-o a adaptar sua obra *Nome próprio* para o cinema. Para entender a trama do livro, é preciso saber que o texto tem como temática central a geração dos *blogs*. Clarah confere vida ao papel a que todos somos estimulados a desempenhar na atualidade: fazer de si própria um personagem. O número significativo de pessoas que hoje optam por esse tipo de exposição por diferentes razões é o que faz a diferença. Esse farto material, referente à vida e ao modo de ser e estar contemporâneos, esse espaço privilegiado de observação e questionamentos anuncia o inevitável: os

¹ Assim me posicionei a respeito do uso futuro de *blogs* como fonte de pesquisa histórica em entrevista a *Zero Hora*, em 10/06/2004, publicada com título “O efêmero almeja permanência”.

² As primeiras referências a esse livro chegaram por parte de Helen Scorsatto Ortiz, atualizada aluna participante da disciplina sobre *escritas de si* em 2009/2, no PPGH-PUCRS.

futuros historiadores terão que se ocupar desses *blogs* tão em sintonia com o contexto.

Mas, o que caracteriza cada texto, como ensina Paul Ricoeur (COSTA, 1995), é um tom particular conferido ao relato pelo autor, seja o expresso nas reflexões apresentadas nos *blogs*, seja aquele registrado no papel, falando de problemas humanos tão antigos como as próprias múmias; de temas já analisados e discutidos pelos sábios do passado, mas que permanecem atuais, porque fazem parte da essência dos seres humanos. À guisa de exemplo, cita-se o tom conferido pelo músico da banda norte-americana Mötley Crüe, Nikki Sixx, aos relatos contidos em seu livro *Heroína e rock'n'roll*, que, sob a forma de diário, dão conta de contextos de hiperatividade e paranóia, de alternância entre egocentrismo e depressão, próprios de sua experiência. O estilo choca pelo tom, mesmo em tempos de Big Brother. Essa, não obstante, foi a maneira encontrada por Nikki para dar o seu recado, diga-se de passagem, em uma ótica um tanto freudiana: caveiras e manchas de sangue encharcam o seu texto, tendo como pano de fundo a denúncia de pais negligentes e a dor pelo filho perdido.

O historiador que conhece o seu ofício está preparado para lidar com esses relatos do cotidiano, advindos dos mais diferentes confins da terra. Em primeiro lugar, porque sabe, por ofício e formação, que lida com informações fragmentadas, fora de contexto, apartadas dos processos que as motivaram e lhes conferiram sentido, sem dispor das variáveis e antecedentes e das relações permanentes. Assim, sua tarefa exige dinâmicas que ele próprio deve executar, com vistas a corrigir preconceitos ou visões deformadas. Em segundo lugar, porque ele tem consciência de que seus textos vão vagar por tribunais historiográficos, vão ser lidos por hermenêuticos acadêmicos e/ou por cidadãos comuns, vão ser motivo de debate por parte de eruditos ou bestificados, que jamais vai conhecer. Dentre esses, alguns poderão entender sua produção, com ela se identificar, ou até mesmo a apreciarão. Em terceiro, porque tem consciência do confronto que o aguarda com os inevitáveis processos seletivos: não se pode abarcar tudo, é preciso trabalhar em consonância com a lógica que presidiu a coleta e seleção do material, e, além disso, questionar os silêncios. Finalmente, cabe-lhe ainda enfrentar, com toda a sua força e disposição, as polêmicas geradas, as críticas ferrenhas e anônimas, e a ofensa de pessoas intransigentes e identificadas com os relatos. Nada impede que algumas delas acabem processando o dono do texto e da história, visto que a tônica é desafiar faraós e escribas!

Ainda sobre os textos virtuais, para consolo dos futuros historiadores, existem nos *blogs* âncoras como nos textos de *escritas de*

si nas formas tradicionais, eis que a maior parte desses *blogs* tem emissores e destinatários específicos, entre os quais se estabelecem os jogos interativos e relações explícitas: eles buscam informar, questionar, agradecer, lembrar, consolar e, principalmente, desabafar. É suficiente, então, apenas propor as questões. Eles são testemunhas de que permanece no homem atual, sempre viva e constante, a necessidade de ombro amigo que encantou os leitores de Clarice Lispector ao tomarem contato com sua correspondência com Fernando Sabino em *Cartas perto do coração* (2001), ou os de Frida Kahlo, ao conhecerem as cartas por ela trocadas com os amigos, em *Cartas apaixonadas*, já reeditadas inúmeras vezes. Também permanecem as fórmulas de cumprimento, embora se expressem diferentemente. Assim, se o antigo escriba egípcio escrevia como saudação inicial *Vida, prosperidade, saúde*, se o correspondente da modernidade parte do *Caro amigo, espero que tudo esteja bem contigo*, hoje se inicia por um mero *Oi*. Nas cartas íntimas, a liberdade é ilimitada na hora dos *alôs* e *tchaus*, que podem ser simplesmente *fui*; mas, na hora do adeus, uma carinha (*emoticon*), sorridente ou triste, pode fazer a diferença na mensagem, levar o outro muitas vezes às lágrimas.

Soberanas, as escritas de próprio punho continuam a ser as mais publicadas. A editora Zahar, em janeiro de 2009, lançou o *Diário de Bernardina*, a filha de Benjamin Constant (1836-1891), o líder militar brasileiro, intelectual adepto do positivismo e um dos principais articuladores da conspiração golpista, responsável pela deposição da monarquia e instauração da república, em 1889, no País. O diário parece ter sido preservado principalmente em função dos acontecimentos de 15 de novembro de 1889, dos quais Benjamin foi um dos principais protagonistas, descritos por Bernardina a partir de seu ponto vista doméstico.

Percorrer as páginas do diário de Bernardina torna o leitor cúmplice de um drama do império. A história do patriarca da República é marcada pelo infortúnio: aos 12 anos de idade, tornou-se arrimo de família, devido à morte do pai, causada pelo tifo, e ao fato de a mãe, então com três filhos miúdos, ter enlouquecido para sempre. Benjamim, sempre endividado, tornou-se um militar sem vocação. Entre os anos de 1866 e 67, é ele próprio quem informa sobre suas agruras através de cartas enviadas do *front* da Guerra do Paraguai à mulher e familiares. Nelas, Benjamim relata o fastio diário, as noites maldormidas, faz críticas ao conflito e, principalmente, ao comandante, o marquês e futuro Duque de Caxias, a quem considerava uma “nulidade estupidamente empoleirada no ponto mais alto de nossas posições oficiais”.

Os registros de Bernardina referem as dores e mal-estares da

família: enxaquecas, *pontadas*, indigestões, cólicas, dores de garganta e de estômago, sendo o pai, de longe, o mais doente. Na noite de 14 de novembro de 1889, ela entrou no barco alugado por Benjamin Constant e, com toda família, ficou de lá a observar até as 23 horas o baile da Ilha Fiscal, o último da monarquia. Pode-se sentir o alvoroço da menina de dezesseis anos, depois de horas no mar. Diz ela, em seus escritos: “Acordei hoje ao toque de trombetas dos soldados e assustada levantei-me e soube então por mamãe que vieram de madrugada alguns oficiais para irem com papai para o quartel-general, pois recebavam que o movimento republicano rebentasse hoje”.

O *Diário de Bernardina* foi uma das *escritas de si* utilizadas por um dos dezesseis autores que, a convite de Ângela de Castro Gomes, historiadora da Fundação Getúlio Vargas, analisaram exemplos desse tipo de produção na escrita da História. Esse livro, adotado pelo PPGH da PUC, foi discutido em sala de aula. Os alunos foram então desafiados a escolher e usar, a partir de um ponto de vista histórico, exemplos de *escritas de si*. Os textos produzidos, depois avaliados por uma comissão autoconstituída por historiadores, como Arilson dos Santos Gomes, Daniela Garces de Oliveira, Julia Silveira Matos e Remis Schmidt, compuseram um novo livro sobre o tema – com o título deste artigo (BAKOS, 2008). Nele, inexistem textos sobre *e-mails* e *blogs*; são *escritas de si* tradicionais que impressionaram os autores e que tinham relação com as pesquisas, por eles apresentadas de forma competente e estimulante.

Qual o sentido de uma experiência desse tipo em um fórum acadêmico? É da responsabilidade “de cada geração de historiadores fazer da próxima uma geração melhor, em termos de metodologia, conhecimento, produção, etc.” diz Stuart B. Schwartz (2007), professor de Yale.

Afinal, como pondera Hanna Arendt, o que seria do ser humano sem a sua história comum? “Um produto da natureza e nada de pessoal. O homem que deseja ajuda e proteção da vasta História, na qual nosso insignificante nascimento rapidamente se perde, deve ser capaz de conhecê-la e compreendê-la” (ARENDDT, 1971).

Os temas e autores do livro da disciplina da PUCRS são os seguintes:

- *O lugar de todas as coisas em Mário Quintana*, por Anna Clara Claumann Boose;
- *Laços de família, laços em sociedade*, por Carlos Santos;
- *A questão negra*, por Arilson dos Santos Gomes;
- *Caem as máscaras: escrita de Machado de Assis*, por Cláudia Quinto;

- *A eminência duplamente parda: o curriculum vitae de Dario de Bittencourt*, por José Antonio dos Santos;
- *O habitus coronelista na correspondência passiva de Borges de Medeiros (1898-1920)*, por Márcio Alex Cordeiro Biavaschi;
- *Memórias de um interventor: Cordeiro de Farias e o combate ao nazismo no Rio Grande do Sul (1938-1943)*, por Lucas Silva da Silva;
- *A despedida dos gaúchos: cartas do músico Octávio Dutra para uma gravadora de discos (1930-1970)*, por Márcio de Souza;
- *A correspondência de um imigrante na América: o discurso de um artista (1916-1970)*, por Remís Alice Perin Schmidt;
- *Benjamin e a questão judaica: um estudo a partir da correspondência de Gershon Scholem*, por Airan Milititsky Aguiar;
- *José Fredolino Prunes (1873-1857) – a incorporação do proletariado na sociedade*, por Anderson Romário Pereira Corrêa;
- *Entre combates, passeios e visitas: diário de um federalista*, por Cristiane Debus Pistoia;
- *As múltiplas sensibilidades do feminino*, por Daniela Garces de Oliveira;
- *Escritas de um homem negro: Uruguaiana (1950-1979)*, por Eva Esperança Guterres Alves;
- *Impressões sobre a exposição do Centenário Farroupilha e a relação com Flores da Cunha no diário de Getúlio Vargas*, por Giovanni Costa Ceroni;
- *A força da brasilidade expedicionária: brasileiros mostraram aos nazistas como a cobra fuma*, por Luciano Chemello Vescovini;
- *Cartas a um não missivista: os bastidores da correspondência de Sérgio Buarque de Holanda (1922-1925)*, por Júlia Silveira Matos;
- *Os discos voadores em “Escreve o leitor”*, por Milton José Giaconetti;
- *Cartas montoneras (os tormentos de duas argentinas)*, por Nilson Mariano.

Tantos personagens e enredos surgiram a partir das escolhas desses jovens acadêmicos! Elas ilustram, na prática, as lições de E. H. Carr, em seu clássico *O que é a história*:

Não, na verdade, os fatos não se assemelham aos peixes expostos na banca do comerciante. Assemelham-se aos peixes que nadam no oceano imenso e muitas vezes inacessíveis; o que o historiador apanhará depende parte do acaso, mas sobretudo da região do oceano que tiver escolhido para a sua pesca e da isca de que se serve. Estes três fatores são, evidentemente determinados pelo tipo de peixe que se

propõe apanhar. Em geral, o historiador obterá o tipo de fatos que deseja encontrar (SCHAFF, 1991, p. 203).

Para melhor ilustrar a relevância dessas premissas do ofício do historiador, trago ainda algumas experiências por mim vivenciadas junto ao acervo fabuloso de cartas trocadas por Augusto Comte com amigos e parentes, ao longo de sua existência, hoje acessíveis aos interessados pela vida do criador da sociologia.

Comte trocou, entre 1841 e 1846, cartas com o filósofo britânico John Stuart Mill (1806-1873). Famoso por sua teoria sobre a felicidade, Mill se prestou a ouvir as angústias do francês. A mais forte delas era o desejo de Comte de misturar o espírito francês e o inglês, pois sofria com a falta de apoio dos italianos e alemães. Essa união, entretanto, foi inviável. A segunda queixa advinha de seu amor impossível por uma mulher, Clotilde de Vaux (1815-1846), devido ao fato de ambos serem casados. De forte caráter, a amada escreveu-lhe uma carta terna, mas firme, em julho de 1845, dizendo: “serei sua amiga sempre, se você desejar, mas jamais serei mais que isso”. A última dessas missivas dizia respeito ao seu pesar pelo seu casamento, em 1825, com uma prostituta, Caroline Massin, união essa que durou 17 anos. Sobre ela, Comte afirmou, na correspondência, ser “sua única falta irreparável na vida”. Caroline, segundo palavras de Comte, queria torná-lo “uma máquina acadêmica para ganhar mais dinheiro, títulos e honrarias”, e nunca o deixou em paz.

As cartas trocadas entre Auguste Comte e Caroline Massin, no período entre os anos de 1831 e de 1851, mais de duzentas, eram ainda inéditas até a sua publicação, apenas em 2006 (GENTIL, 2006). Elas falam do sofrido relacionamento mantido entre eles. Quando Augusto Comte criou uma nova religião, tendo por deus a Humanidade, cujo nome ele exigia que fosse escrito em letra maiúscula, e a imagem de uma mulher jovem, com o rosto de Clotilde de Vaux com uma criança no colo, Caroline Massin escreveu-lhe, furiosa: “é uma publicidade incompreensível, forte demais. Você foi muito cruel para comigo!”

Se a infelicidade do relacionamento de Comte com a esposa surge desse acervo, outro conjunto de missivas revela que ele era acompanhado por algumas pessoas fiéis e generosas. Ao final da vida, Comte dependia de amigos franceses e de uma brasileira: Nisia Floresta (1810-1885) (DUARTE, 2002). Como esse homem triste teria atraído a milionária brasileira corajosa, viúva, com dois filhos, que partiu, em finais de 1849, rumo à Europa, em busca de cuidados médicos para a filha, deixando para trás uma trajetória pessoal admirável? Ainda na década de 1840, Nisia fazia palestras no Rio de Janeiro, nas quais já apontava

o regime escravocrata como a *vergonha da civilização moderna*. Quando chegou a Paris, aos 39 anos, ela inscreveu-se no Curso de História Geral da Humanidade, oferecido por Comte em 1856. Eles iniciaram então uma amizade que durou até a morte do mestre, que a considerava uma *preciosa discípula*, caso ele *pudesse transformar um pouco seus hábitos metafísicos*.

A brasileira recebia Augusto Comte em sua casa, dizendo: “Aí está o Sr. Comte, a maior glória da França. Procurem ouvi-lo e me darão razão. Não é um homem como os outros. É um gênio”.

No país de Nisia, Augusto Comte teve fãs mais fiéis às suas idéias do que na França, e até mesmo houve quem tentasse pôr em prática seus princípios, como é o caso do político gaúcho Júlio de Castilhos³.

Ao longo da disciplina que motivou esta publicação, ainda compartilhei com meus alunos uma experiência extraordinária no que concerne ao gênero *escritas de si*. Em 1982, após concluir uma pesquisa de mestrado na qual analisei os discursos abolicionistas de Júlio de Castilhos, graças à delicadeza e atenção de uma orientanda que pesquisava o acervo ainda virgem de cartas escritas por Castilhos, tive conhecimento de uma carta por ele enviada⁴ ao irmão Chiquinho, na qual detalhava o processo de venda de um escravo que encaminhava a pedido do parente.

Analisando esse documento, constatamos em aula que, se a escolha do oceano para pescar, por um lado, pode levar o historiador a olhar com precipitação ou superficialidade fatos, personagens, contexto, achados casuais muitas vezes reafirmam ensinamentos como os que Agnes Heller formula com maestria, ao dizer: “quando viajamos no tempo e no espaço ‘ninguém poderá contar-nos aquilo que realmente aconteceu e como foi. Não há um final feliz, aliás, não há final algum, depois que o Duncan (símbolo do presente) parte em direção do oceano do passado” (HELLER, A. 1970).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este artigo, destinado a ser publicado no primeiro número da revista *Historiæ*, cuja temática é voltada à teoria e história social, proponho mais uma metáfora aquática⁵, capaz, ao meu ver, de

³ Ver sobre o tema: BAKOS, 1982 e 1996.

⁴ A carta está publicada na íntegra no livro, por mim organizado, *Júlio de Castilhos, positivismo, abolição e república*. Porto Alegre: EDIPUC, 2006, p. 18.

⁵ Essa figura de linguagem, consagrada pela literatura, tem adquirido muita importância nos textos históricos. Neste, ela permite uma reflexão sobre o papel dos historiadores.

estabelecer uma relação entre os dois motes que organizam a edição. Em relação à história que agrega fontes do tipo *escritas de si*: “pesca-se melhor, se a isca está viva”⁶. Inventei este tropo, dando continuidade às lições de Agnes Heller, muito úteis na análise das *escritas de si*. Como é sabido, para a autora, a historiografia é sempre uma expressão da consciência histórica, que, assim, deve se desligar da prática direta e do interesse pragmático (HELLER, 1993, p. 114). No entanto, é Heller ainda quem filosofa: “todos os vestígios do passado podem ser considerados como possíveis mensagens, se estiver presente na consciência histórica uma disponibilidade para elas, a curiosidade para alguma coisa” (HELLER, 1993, p. 125). A referida autora procura enfatizar que a seleção é pessoal e determinada pela visão de mundo do historiador. É ele que decide que havia um homem lá, que ele existiu, mas não existe mais, a menos que seja lembrado!

Assim, para Heller (HELLER, 1993), *nosso passado é o futuro dos outros. Somos os outros. Historicidade é história*. Com esse mote, as interpretações de *escritas de si* aqui apresentadas servem de iscas vivas para leitores; os nossos textos serão articulados, compreendidos, e a nossa história de coisas íntimas será um lugar da memória de nosso tempo e das nossas emoções!

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1971.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BAKOS, M.M. (org) *Escritas íntimas, tempo e lugares de memória: a documentação pessoal como fonte para a história*. Porto Alegre: Palier, 2008. Capa, padronização e revisão de Arian Militisky Aguiar.
- BAKOS, M. M. (Org.). *Júlio de Castilhos, positivismo, abolição e república*. Porto Alegre: EDIPUC, 2006.
- BAKOS, M.M. *RS: escravidão e abolição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- BAKOS, M. M. *Porto Alegre e seus eternos intendent*. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.
- COSTA, Miguel Stadler. *Sobre a teoria da interpretação de Paul Ricoeur*. Porto: Contraponto, 1995.

⁶ A metáfora surgiu a partir da leitura de um artigo recente, de Elio Gaspari, em que ele conta a inconfidência de um barqueiro que acompanhou uma pescaria de Lula, há tempos. Diz o texto de Gaspari: “Antes de a gente sair, um oficial da Presidência me procurou e disse para dar um jeito: Marisa, a mulher de Lula, precisava conseguir mais peixes do que ele. Não tive dúvida, na hora de botar a sardinha viva no anzol dele, eu apertava a cabeça da bichinha. Morta, a isca chamava menos peixes. O barqueiro surpreendeu-se com o desempenho de Lula, que perdeu a competição, mas teve um desempenho superior ao previsto”.

DUARTE, C. (org.). *Cartas Nísia Floresta & Auguste Comte*. Florianópolis: EDUNISC, 2002.

FISCHER, Luís Augusto. Eles foram para Petrópolis. *Zero Hora*, 5 jan. 2010.

GENTIL, P. (ed.). *Auguste Comte / Caroline Massin: correspondance inédite (1831-1851)*. Paris: L'Harmattan, 2006.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HELLER, A. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

SCHAFF, A. *História e verdade*. Lisboa: Martins Fontes, 1991.

SCHWARTZ, S. Entrevista. *Revista de História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 2, n. 20, maio 2007.